

# Retorno da linguagem: breves considerações sobre a linguagem no século XVI a partir da arqueologia de Michel Foucault

**Pedro Manenti Vieira da Silva**

Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e graduando em Direito pela Faculdade de Estudos Sociais do Paraná (FESP).  
E-mail: pedromanentivs@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo explicar os mecanismos básicos da linguagem no século XVI, a partir da arqueologia de Michel Foucault. Para tanto, o itinerário a ser percorrido parte de uma breve introdução ao pensamento do autor e do panorama geral do livro, de sua autoria, “As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas”, bem como de suas questões fundamentais. Após, analisar-se-á o capítulo que trata sobre a filosofia do Renascimento, intitulado “A prosa do mundo”, de modo a elucidar a visão que os renascentistas tinham acerca da linguagem e o que a caracterizava. Também é premente verificar qual a relevância de tal período para Foucault em sua pesquisa sobre a linguagem, a concepção desta como autônoma, independente, dissociada das ideias. Por fim, é feita uma retomada crítica dos pontos abordados neste trabalho. A pesquisa foi bibliográfica e teve como principal referência o livro “As palavras e as coisas” (2000), do mesmo autor.

**Palavras-chave:** Linguagem; Renascimento; Michel Foucault; Arqueologia; Hermenêutica.

## 1. Introdução

A obra de Michel Foucault é comumente dividida, para fins didáticos, por seus comentadores (GOMES, 2012, p. 37; GUTTING, 1989,

p. 261), em três partes: a) arqueologia; b) problemáticas do poder; c) problemáticas da subjetividade. A primeira fase compreende o período entre 1954, data do lançamento de seu livro “Doença mental e personalidade”, a 1971, data de lançamento de “A ordem do discurso”. A segunda fase compreende o período de 1971 a 1976, lançamento do terceiro volume de “História da sexualidade”. A terceira fase, por sua vez, compreende o período de 1976 até o fim da vida do autor.

É na fase da arqueologia que o autor publica o livro “As palavras e as coisas”, objeto principal de análise do presente estudo. Tal fase assim é chamada devido ao método empregado pelo autor, que tem como fundamento o questionamento do fazer histórico a partir de uma análise dos textos e outros documentos, que leva a compreender os processos que conduziram à sua concepção. Compreender algo em seu nível arqueológico é compreender “naquilo que o tornou possível”, diz Foucault (2000, p. 43).

Linguagem e ‘nascimento do homem’ são os termos que constituem o cerne da investigação do autor no seu livro supracitado, como aponta Gutting (1989, p. 139) visto que sua preocupação é o status cognitivo das ciências humanas em sua acepção moderna, ou “ciência do homem”. Do mesmo modo, o próprio Foucault (1997, p. 13) atenta que desde a publicação de seu artigo “Nietzsche, Freud e Marx”, tinha o desejo de elaborar uma Enciclopédia sobre todas as técnicas de interpretação utilizadas na cultura ocidental e isso se realiza no livro “As palavras e as coisas”. Assim, tal livro visa compreender cada período investigado a partir do modo de pensar a linguagem e o mundo naquilo que o tornou possível. Isto é, o que tornou

possível determinado período ter a concepção de ‘linguagem’, ‘mundo’ e ‘homem’ que teve, o que possibilitou a configuração da *episteme* do período<sup>1</sup>.

Nesse contexto, são três os períodos analisados por Foucault: o renascimento, o período clássico e a modernidade. Apesar do autor enfatizar a relação de entrecruzamento de um período com o outro, o objeto principal da presente pesquisa é o período do Renascimento. Este que possuía uma concepção de linguagem distinta de outras épocas e que o autor aponta como um momento da *prosa do mundo* – também título do capítulo que trata de tal período.

## 2. A prosa do mundo

O capítulo 2 de “As palavras e as coisas” é intitulado “A prosa do mundo”. Não à toa: na *episteme* do Renascimento, o mundo fala. Há uma escrita que se incorpora ao mundo e este pode ser lido e interpretado como um texto.

E a interpretação, conjuntamente com a exegese, dos textos no século XIV era fundamentada a partir da semelhança. Esta é que organizava e dava as regras da interpretação e, por consequência, do conhecimento. O mundo enrolava-se sobre si mesmo, repetia aspectos como um espelho repete

---

<sup>1</sup> Sobre a noção de *episteme* em Foucault, esclarece Gutting (1989, p.140): “Accordingly, in order to understand the cognitive status of the human sciences, we need to understand the modern conceptions of order, signs, and language. Put roughly, such a set of conceptions, along with the conception of knowledge they entail, constitutes what Foucault calls the *episteme* of a period”.

a imagem do refletido. Assim, a linguagem era espelho do mundo, funcionava a sua semelhança.

Representação, repetição e imitação operavam a partir da lógica estabelecida pela semelhança. Segundo Foucault (2000, p. 23), existiam quatro principais figuras que articulavam o funcionamento da semelhança: a) *convenientia*; b) *aemulatio*; c) analogia; d) simpatia.

A *convenientia* é descrita como um tipo de similitude ligada ao espaço, ao mundo em que as coisas se encontram: “são convenientes as coisas que, aproximando-se umas das outras, vêm a se emparelhar; tocam-se nas bordas, suas franjas se misturas, a extremidade de uma designa o começo da outra” (FOUCAULT, 2000, p. 24). Como, por exemplo, há tantos seres na terra e na água quanto há no céu, que os correspondem. É um tipo de imitação com encadeamento por proximidade, de modo que depende do lugar.

A *aemulatio* é um tipo de similitude parecida com a conveniência, mas como se fosse liberada do caráter espacial: “o rosto é o êmulo do céu e, assim como o intelecto do homem reflete, imperfeitamente, a sabedoria de Deus” (FOUCAULT, 2000, p. 26). É uma imitação sem encadeamento ou proximidade, que independe do lugar, é um tipo de similitude que evoca o combate entre as formas: o homem carrega as estrelas dentro de si mesmo e, portanto, dentro de si sofre influências de todo o céu. A semelhança por *aemulatio* não forma cadeias, como faz a *convenientia*, mas se estabelece como se os termos fossem círculos concêntricos.

A analogia, por sua vez, é um tipo de similitude que engloba e superpõe tanto *convenientia* quanto *aemulatio*, isto é, superpõe o avizinhamento das semelhanças espaciais e o ajustamento de formas distantes. Um exemplo de analogia é a semelhança constituída em que os astros estão para o céu assim

como as ervas estão para a terra. A analogia evoca complexas relações sutis, de modo que todas as figuras se aproximam pela analogia, já que esta tem um campo universal de aplicação. Contudo, a figura do Homem se encontra privilegiada, pois este

Está em proporção com o céu, assim como com os animais e as plantas, assim como com a terra, os metais, as estalactites ou as tempestades. Erguido entre as faces do mundo, tem relação com o firmamento (seu rosto está para seu corpo como a face do céu está para o éter; seu pulso bate-lhe nas veias como os astros circulam segundo suas vias próprias; as sete aberturas formam no seu rosto o que são os sete planetas no céu. (FOUCAULT, 2000, p. 30).

Desse modo, há uma analogia entre o homem e o mundo em que habita. O homem é o ponto de apoio, o sustentáculo, das proporções, de modo que o espaço criado pela analogia é de irradiação.

O quarto tipo de similitude, a *simpatia*, é uma instância do Mesmo, em outras palavras, tem o poder de tornar idêntico, de assimilar, misturar duas coisas e as desapossar de sua individualidade, de transformar os termos semelhantes. As rosas fúnebres de um funeral tornam-se tristes e agonizantes, a flor amarela do girassol gira com a curva do Sol. Nesse âmbito, todos os termos do mundo se misturariam e se tornariam Mesmo, “comunicariam entre si sem ruptura nem distância, como elos de metal suspensos por simpatia à atração de um único ímã” (FOUCAULT, 2000, p. 33).

Do mesmo modo que a *simpatia* une e mistura, a *antipatia* – sua figura oposta – isola e afasta. É porque há morte que as figuras do mundo permanecem o que são, como o rato é inimigo da aranha, o gato inimigo do rato e o cachorro inimigo do gato. O que dá a identidade das coisas é o

conjunto de simpatia e antipatia: “a identidade das coisas, o fato de que possam assemelhar-se a outras e aproximar-se delas, sem, contudo, se dissiparem, preservando sua singularidade, é o contrabalançar constante da simpatia e da antipatia que o garante” (FOUCAULT, 2000, p. 34). Desse modo, as três outras similitudes são explicadas pelo movimento do par simpatia e antipatia, que constitui um jogo infinito de semelhanças, de misturas, dissoluções e afirmações de identidades, um movimento de persistência do Mesmo. O mundo encontrar-se-ia infinitamente enclausurado.

Contudo, ainda haveria uma abertura nesse modo pelo qual o mundo se dobra sobre si mesmo, no modo das coisas se assemelharem: a assinalação. As similitudes já se encontram assinaladas na própria coisa, como uma “marca visível das analogias invisíveis” (FOUCAULT, 2000, p. 36). É por isso que Foucault destaca que para haver semelhança é preciso assinalação e, se a assinalação é uma marca, o mundo similar é um mundo marcado.

Sendo assim, para conhecer o mundo é preciso decifrar suas marcas. “O saber funda-se na sùmula de suas assinalações e na sua decifração”, diz Foucault (2000, p. 36). Se, como diz Heráclito, a natureza ama esconder-se (*Physis kryptesthai philei*), nesse caso, no Renascimento, cabe ao homem a desvelar.

Essas marcas na face do mundo são como cifras, códigos, escrituras a serem lidas, constituindo linguagem, que opera através da semelhança. Esta que só é notada, legível, pelas marcas. É a semelhança que constitui o signo e as palavras são o espelho do mundo. A forma assinalante está paralelamente assemelhada à forma assinalada. Em termos estruturalistas, o significante se assemelha ao significado paralelamente, pois, no Renascimento, o que há de mais universal é a semelhança.

Para descobrir o sentido dos signos é preciso uma técnica, que é chamada de hermenêutica. O conjunto de técnicas que permite localizar os signos e compreendê-los como signos é chamado de semiologia: “Buscar o sentido é trazer à luz o que se assemelha. Buscar a lei dos signos é descobrir as coisas que são semelhantes” (FOUCAULT, 2000, p. 40). No modo de pensar renascentista, hermenêutica e semiologia encontram-se superpostos pela similitude.

A natureza ama esconder-se, pois ela

Está inserida na fina espessura que mantém, uma acima das outras, semiologia e hermenêutica; ela só é misteriosa e velada, só se oferece ao conhecimento por ela às vezes confundido, na medida em que essa superposição não se faz sem um ligeiro desnível das semelhanças. (FOUCAULT, 2000, p. 41)

A principal consequência trazida por essa configuração da *episteme* é que o saber é ao mesmo tempo abundante e pobre. Por ser ilimitado é que é abundante, pletórico. E é ilimitado porque a semelhança sempre remete a algo que não ela mesma e esse algo sempre remeterá ainda a outra coisa através das relações de similitude. Ainda, é um saber pobre, monótono, porque a única forma possível dos elementos do saber ligarem-se é através da adição. Por isso Foucault (2000, p. 42) afirma que o saber do século XVI condenou-se a saber sempre a mesma coisa por termos que jamais são realmente atingidos, que remetem uns aos outros traçando um percurso indeterminável.

Esse modo de saber remete à noção de microcosmo, que tem duas funções epistemológicas nessa época, funciona como: a) categoria de pensamento – pela universal aplicação da semelhança a todos os domínios da

natureza; b) configuração geral da natureza – por estabelecer quais são os limites reais, até que ponto o saber das similitudes se estende.

Ainda que o saber esteja configurado num microcosmo, a relação deste com o macrocosmo é existente. O mundo é delimitado pelo primeiro, que dá as condições de possibilidade do conhecer todas as coisas criadas, mas do outro lado também há “uma criatura privilegiada que reproduz, nas suas dimensões restritas, a ordem imensa do céu, dos astros, das montanhas, dos rios e das tempestades”. O mundo do microcosmo funciona analogamente ao do macrocosmo. A natureza dobra-se sobre si mesma a partir do jogo dos signos e da semelhança e nisso remete analogamente ao cosmos.

Contudo, a relação entre micro e macrocosmo não é arbitrária, não é pré-estabelecida, mas é a própria garantia do saber. Essa relação era necessária para afirmar a garantia do saber.

Não foi porque se acreditava em tais relações que se passou a buscar todas as analogias do mundo. Mas havia no coração do saber uma necessidade: era preciso ajustar a infinita riqueza de uma semelhança, introduzida como terceiro entre os sinais e seus sentidos, e a monotonia imposta pela mesma repartição da semelhança ao significante e ao que ele significava (FOUCAULT, 2000, p. 43)

Diante dessa relação entre macrocosmo e microcosmo, destaca-se que o saber acolhia tanto magia quanto erudição e a ciência dessa época se apresentava numa estrutura frágil que Foucault (2000, p. 44) descreve como um espaço no qual se encontram “o gosto pelo maravilhoso”, dos antigos, e uma atenção para a racionalidade soberana que despertava. A maneira de conhecer dos renascentistas trazia intrinsecamente a forma mágica.

Nessa composição de mundo, conhecer é interpretar. A natureza é composta de marcas decifráveis e o homem é o ser que pode as interpretar - desse modo, aparece como o ser capaz de descobrir tudo. A linguagem, espelho do mundo, vale como o signo das próprias coisas. E o ato de interpretar, que justamente se dá pela linguagem, comporta tanto o mágico quanto o erudito: *divinatio* e *eruditio* compõem a mesma hermenêutica. A natureza é como um texto a ser lido por aqueles que são capazes de a ler.

Segundo Foucault (2000, p. 49-50), a linguagem no século XVI não é um conjunto de signos independentes, não é um sistema arbitrário e nem depende do sentido. Ela compõe parte do modo como as similitudes e assinalações se distribuem, por isso é melhor descrita como um lugar no qual a natureza se revela e a verdade se manifesta, é uma “figura de mundo”.

Havia uma linguagem primeira, de signo certo e transparente, mas que foi destruída com a torre de Babel. Após isso, a função simbólica da linguagem foi abandonada e a relação das línguas com o mundo seria muito mais de analogia do que significação.

Foucault (2000, p. 53) ainda atenta que a natureza primeira da linguagem era ser escrita, pois haveria um entrelaçamento desta com as coisas num lugar comum. Deus colocou no mundo palavras escritas, quando Adão nomeou os animais apenas leu as marcas escritas como cifras. Assim, neste período, a escrita precede a fala e somente aquela é que detém a verdade.

Essa primazia da escrita implica na não distinção entre ver e ler. Isto é, quando se está vendo algo ao mesmo tempo se está lendo, interpretando as marcas que operam na similitude. Desse modo “saber consiste, pois, em referir a linguagem à linguagem” (FOUCAULT, 2000, p. 55), conhecer algo é colocar a referência desse algo em outra coisa através das palavras. O saber se

articula na linguagem através da interpretação. Conhecer as coisas é conhecê-las na linguagem, é ler a prosa do mundo.

E a linguagem do século XVI encontrava-se no entremeio do Texto primeiro e o infinito da Interpretação e, assim, a tarefa da linguagem era de restituir um discurso primeiro.

O signo, por sua vez, tinha um papel diferente do que tem hodiernamente. Por este ser considerado como similitude, apresentava estrutura ternária, composto de: a) significado – domínio formal das marcas; b) significante – conteúdo assinalado pelas marcas; c) conjuntura – similitudes que ligam marcas às coisas. Esses três elementos distintos funcionam somente unidos, para formar a figura do signo.

### **3. Desaparecimento da noção do signo ternário**

Ao fim do século XVI o signo passou a ser considerado em sua característica representativa e sua estrutura ternária, fundamental no Renascimento, se dissolveu. A pergunta que era se um signo designava o que significava, passou a ser, a partir do século XVII, sobre como um signo está ligado ao que significa. Desse modo, a interdependência da linguagem com o mundo é desfeita e o primado da escrita subsiste. Por consequência, o que é visto não é sinônimo de lido. O olho vê, o ouvido ouve e o discurso diz – nada mais.

A vastidão da linguagem como no Renascimento era concebida, a infinitude de significações que proporcionava através das relações de similitude pelas quais operava, foi, a partir do século XVII, erradicada do plano da *episteme*. Não dizia mais respeito a verdade, não era completamente

ciência e, por isso, o seu modo de ser ficou reservado à literatura. É esta que passou a proporcionar, até hoje, um lugar no qual a linguagem encontra-se livre para associar termos, criar significados, como um tecido vivo que se movimenta, dobra e desdobra sobre si mesmo e existe independente.

É por volta da metade do século XVII que ocorre uma quebra radical com o Renascimento e a forma de pensar ocidental passou a organizar-se por diferentes características. Uma nova estrutura de pensamento, isto é, uma nova *episteme* foi formada, baseada na concepção de como as coisas no mundo eram ordenadas. O princípio pelo qual as coisas eram ordenadas deixa de ser o da similitude e torna-se o de relações de identidade e diferença.

#### 4. Conclusão

O livro “As palavras e as coisas” aponta duas características basilares do pensamento ocidental a partir do período Moderno (início do século XIX), isto é, após Kant: o retorno da linguagem e o “nascimento do homem”. No presente trabalho apenas foi possível esclarecer o funcionamento da linguagem no período do Renascimento, visto que o texto analisado tratava especificamente deste período. Contudo, com as noções estabelecidas, é possível esclarecer a razão de Foucault falar de um retorno da linguagem após Kant.

O autor afirma isso porque, assim como no Renascimento, a linguagem passa a ter um papel independente, ela se torna autônoma – diferentemente do período Clássico, no qual o signo era binário, descrito pela relação de representação com mundo.

Contudo, não é como se retornasse ao mesmo modo como estava disposta no Renascimento, visto que a configuração da *episteme* do período é outra. Surgem novas possibilidades para a linguagem, que além de poder funcionar de maneira autônoma, como para os renascentistas, não possui mais um sistema de semelhanças que a prenda ao mundo.

Por isso Foucault ainda sugere que, já que verdade não é mais pautada pela relação com a natureza e Deus, a linguagem torna-se uma verdade em si mesma – não dizendo nada além de seu sentido interno. Não obstante o elogio de Foucault à literatura, que é o lugar em que a linguagem opera viva e livremente. Adentra-se um período de literatura pura.

Por fim, a partir da leitura dos textos referidos nesta pesquisa, conclui-se que: a) o método arqueológico de Foucault revela traços importantes sobre um período, como este está emaranhado nos períodos que o precedem e o sucedem; b) a partir da noção de *episteme* é possível vislumbrar o modo de ver o mundo daqueles que viviam no período analisado, realizando o esforço hermenêutico de superar uma distância; c) compreender a *episteme* de um período é entender a ordem das coisas e o funcionamento da linguagem<sup>2</sup>; d) o Renascimento tinha uma concepção de linguagem autônoma, que se pautava pela lógica da semelhança e da assinalação, o mundo se revelava pela interpretação do homem que se encontrava em posição privilegiada: era capaz de interpretar as marcas da natureza e ouvir a voz de Deus, visto que a hermenêutica renascentista era pautada tanto pela *divinatio* quanto pela *eruditio*;

---

<sup>2</sup> Tanto que o título do livro “As palavras e as coisas”, que no francês é “Les mots et les choses”, era para originalmente ser “L’Ordre des choses” (A ordem das coisas). No inglês o título foi traduzido como “The order of things” – dada a importância que o autor atribuía à ordem e à linguagem para compreender a *episteme* de um período a partir do método arqueológico.

e) a concepção de linguagem do Renascimento teve fim no início do período Clássico, que substituiu a noção tripartite do signo pela noção binária, na qual o signo estabelece relação de representação com o mundo; f) pode-se falar em retorno da linguagem no período a partir do fim da Modernidade (meados do século XX) visto que a linguagem torna a ser autônoma, como no Renascimento, mas ainda mais independente visto que não tem mais compromisso com o divino e se estabelece como verdade em si mesma.

## Referências

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, M. *Nietzsche, Freud e Marx*. São Paulo: Princípio, 1997.

GOMES, D. O. *O último Foucault e o retorno transversal aos gregos*. Archai, n. 9, jul-dez 2012, pp. 37-44.

GUTTING, G.; OKSALA, J. *Michel Foucault, The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2018 Edition)*, Edward N. Zalta (ed.), URL = [<https://plato.stanford.edu/archives/sum2018/entries/foucault/>](https://plato.stanford.edu/archives/sum2018/entries/foucault/).

GUTTING, G. *Michel Foucault's archaeology of scientific reason*. Cambridge University Press, 1989.

PRADO, T. M. S. *Foucault, a História e a linguagem em 'As palavras e as coisas'*. Natal: Princípios, v. 21, n. 35 Janeiro/Junho de 2014, p. 37-62.